

O Falo é um Texto

A primeira condição para reconhecer as falas de Stela como um texto é saber que a escrita não é o único suporte de um texto. Até porque as falas de Stela não querem se adequar a qualquer padrão fixo, seja em relação à literatura ou ao pensamento, apresentando-se como uma configuração de fato singular. Essa singularidade, por vezes, é visível como quando Stela brinca de traduzir expressões estrangeiras, jogando com as equivalências fônicas, numa experiência radical de questionamento das significações previsíveis:

Estudei em livro
 Linguagens
 Comment allez-vous?
 Como você está? Thank you very much
 O tanque da Vera tá cheio de mate
 Ça va bien, a senhora vai bem?
 (PATROCÍNIO: 2001, p. 150).

ou quando produz uma colagem de *ready mades* lingüísticos extraídos de universos distintos:

Não, eu não tenho vontade de fazer outra coisa
 A não ser ficar pastando
 Pastar pastar pastar ficar pastando à vontade
 O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas
 A lei é dura mas é lei
 Dura lex sed lex no cabelo só gumex
 (PATROCÍNIO, op. cit. p. 148)

Mas em outras passagens a singularidade das falas de Stela constitui uma força não formal, não pode ser visível e nem dizível. Em singularidades como essa podemos reconhecer as “forças do fora”, forças não ditas, não vistas, mas que corroem e são corroídas, que se derrubam e degeneram. Trata-se das forças em puro devir que se atualizam no texto falado de Stela.

As falas de Stela são um texto porque ao falar ela provoca um deslocamento de linguagem, de sentido. Provoca uma mudança de categorias, de

formas, de palavras, de ordens, de gêneros, faz as palavras dançarem, redistribui os papéis, teatraliza:

Ainda era Rio de Janeiro, Botafogo
 Eu me confundi comendo pão
 Eu perdi os óculos
 Ele ficou com o óculos
 Passou a língua no óculos pra tratar o óculos com a língua
 Ela na vigilância do pão sem poder ter o pão
 Essa troca de sabedoria de idéia de esperteza
 Dia tarde noite janeiro fevereiro dezembro
 Fico pastando no pasto à vontade
 Um homem chamado cavalo é o meu nome
 O bom pastor dá a vida pelas ovelhas
 (PATROCÍNIO, op. cit. p.50).

Segunda terça quarta quinta sexta sábado domingo
 Janeiro fevereiro março abril maio junho julho
 agosto setembro outubro novembro dezembro
 Dia tarde noite
 Eu fico pastando à vontade
 Fico pastando no pasto à vontade que nem cavalo
 Ele já disse
 Um homem chamado cavalo
 É o meu nome
 (PATROCÍNIO, op. cit. p. 147)

O texto delira nos movimentos de convocatória e abandono dos expedientes da racionalidade lingüística – enumerações, classificações, séries de termos usadas para ordenar o tempo e o espaço. Distante da invenção gratuita ou caótica, a composição textual apropria-se dos estereótipos, das citações antológicas e das frases feitas, evidenciando a mesma intensidade de fascínio e repulsa diante do poder coercitivo da língua e controlador das instituições.

O texto encena o encontro do sujeito com a língua, com o código e, nesse sentido, o sujeito se pluraliza, se critica, se dissolve. O texto é uma dupla escuta da *doxa* e do parálogo, da identidade e da não identidade, é a atenção à diferença. O texto propõe uma outra economia de linguagens: des-hierarquizadas, circulantes, não compartimentadas. Daí, podemos dizer que o texto falado por Stela é uma utopia, uma proposta relativa a uma nova sociedade. Não a uma sociedade pré-vista, pré-visível, a ser alcançada teleologicamente, mas a um “povo que falta” (DELEUZE), que está oprimido nas teias dominantes da cultura:

trata-se de um povo “bastardo”, um povo que quer sair, e em Stela sai, encontra voz : um delírio saudável de “enunciação coletiva”. O corpo de Stela possui uma “saúde frágil”, ela é “uma atleta na cama”:

O mundo é o conjunto de sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro (haveria aqui a mesma ambigüidade que no atletismo), mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para el, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis. Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados. (...) A literatura é um agenciamento coletivo de enunciação e o fim último da literatura é pôr em evidência no delírio essa criação de uma saúde, ou essa invenção de um povo, isso é, uma possibilidade de vida. (DELEUZE: 2001, p.15).

Stela faz gaguejar a língua: “Falo, falo, falo, falo o tempo todo”. (PATROCÍNIO: 2001, p. 142). A gagueira não é ausência de força e/ou redundância diante da vida, mas um saber bailar as forças que afetam a linguagem e constituem seu fora, um fora permanente que a todo tempo pede passagem. Stela é “vidente” e “ouvidora” de uma “língua estrangeira”:

[...] uma língua estrangeira não é escavada na própria língua sem que toda a linguagem por seu turno sofra uma reviravolta, seja levada a um limite, a um fora ou a um avesso que consiste em Visões e Audições que já não pertencem a língua alguma. Essas visões não são fantasmas, mas verdadeiras Idéias que o escritor vê ouve nos interstícios da linguagem, nos desvios de linguagem. Não são interrupções do processo, mas paragens que dele fazem parte, como uma eternidade que só pode ser revelada no devir, uma paisagem que só aparece no movimento. Elas não estão fora da linguagem, elas são o seu fora. O escritor como vidente e ouvidor, finalidade da literatura: é a passagem da vida na linguagem que constitui as Idéias. (DELEUZE: 1997, p. 16).

O “eu” que fala, fala, fala, fala o tempo todo não pode ser considerado como o *ego* do *cogito* cartesiano. Mesmo porque, a fala corresponde a um simulacro, não se trata de uma narrativa positiva, comprometida com uma representação da realidade ou da verdade. O texto concretiza a personagem Stela, construída à medida que se põe a fabular. Na verdade não há uma Stela original, o que não significa dizer que não haja uma especificidade chamada Stela a explicitar, a todo tempo, o que todos nós somos: corpos em metamorfoses com a vida. As máscaras, as simulações, nesse caso, não têm nada a esconder, nem a

revelar. Trata-se de uma simulação narrativa que não tem compromisso com a recuperação de situações vividas, mas antes com situações *em vida*, que abrem passagens da vida na linguagem.

Antes era um macaco, à vontade,
Depois passei a ser um cavalo
Depois passei a ser um cachorro
Depois passei a ser uma serpente
Depois passei a ser um jacaré
(PATROCÍNIO, op. cit. p. 114)

O objeto desta narrativa é antes o devir da *personagem Stela – falada* – que a descrição da *pessoa Stela – falante*. As supostas incoerências – ou paradoxos – são conseqüências e sinais do devir desta personagem em constante metamorfose e em permanente processo de transformação, de tornar-se Outro.